



# Estados autoritários e totalitários e suas representações

Coordenação

Luís Reis Torgal  
Heloísa Paulo

Coimbra • 2008

## REPRESENTAÇÕES IMPERIAIS N' *O MUNDO PORTUGUÊS*

Começada a publicar em 1934, a revista *O Mundo Português* prolongou a sua actividade editorial até 1947. As muitas centenas de páginas vindas a lume durante esse lapso de tempo ilustram a “mística imperial”, um dos pontos cardeais do regime de Salazar no decorrer dos anos 30 e 40. Configuram, além do mais, a demonstração plena da “política do espírito” encetada pelo recém-criado Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), outro esteio do Estado Novo<sup>1</sup>.

Expressão famosa, amiúde empregue pelos autores desta época, a “mística imperial” foi definida num livro homónimo, de Alves de Azevedo, como: “um apetite heróico de acção [...] que acima de tudo exige a manutenção integral de tudo quanto se fez ou se conseguiu”<sup>2</sup>. O conceito, agregando duas palavras portadoras de uma forte carga emotiva – uma oriunda do léxico religioso e a outra sugerindo uma hipotética supremacia política e territorial –, confirmava a nova atitude do poder instituído em face do património ultramarino. Nova atitude no que respeita à crescente centralização administrativa e ao reforço da “integração económica imperial”<sup>3</sup>, posto que o interesse pelas colónias, ao invés do que pregaram os ideólogos do Estado Novo, também foi apanágio dos regimes anteriores: a Monarquia Constitucional e a Primeira República<sup>4</sup>.

Ainda assim, Armindo Monteiro, Ministro das Colónias à época do início da publicação d' *O Mundo Português*, garantia, precisamente no artigo inaugural desse periódico, que “no meu tempo das escolas só raramente os mestres nos falavam das colónias”<sup>5</sup>. No mesmo sentido, afiançava “destina[r]-se esta revista à gente jovem”, pois era necessário recordar à “larga mocidade das nossas escolas de aquém e de além

---

<sup>1</sup> Ver Jorge Ramos do Ó, *Os Anos de Ferro – o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito” (1933-1949)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

<sup>2</sup> Fernando Alves de Azevedo, *Mística Imperial*, Lisboa, Editorial Cosmos, s. d., p. 4.

<sup>3</sup> Cláudia Castelo, “*O modo português de estar no mundo*”. *O Luso-tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento, 1999, p. 46.

<sup>4</sup> Ainda que num registo simplista, bastaria evocar dois dos mais importantes acontecimentos da contemporaneidade portuguesa – o Ultimato Inglês de 1890 e a participação do país na Primeira Guerra Mundial – para desfazer quaisquer dúvidas sobre os desígnios ultramarinos daqueles dois regimes.

<sup>5</sup> Armindo Monteiro, “*O Mundo Português*”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, p. 5.

mar” o “glorioso passado” ultramarino, bem como anunciar um “próspero e prestigioso destino”<sup>6</sup>. Em última análise, o “verdadeiro Portugal” encontrar-se-ia nas “quatro partes do mundo”, razão por que seria tarefa do Estado Novo retomar a “vocação colonial” de outrora, que o mesmo é dizer lutar contra as sucessivas “gerações de scépticos, de desanimados, de descrentes”<sup>7</sup>.

Mas, como mover combate a estes “inimigos” ideológicos, aparentemente indiferentes ao destino das parcelas ultramarinas portuguesas?

Para Armindo Monteiro, como de resto para boa parte dos movimentos/regimes do período mediando as duas guerras mundiais, a solução para derrotar as resistências passaria também pelo reforço dos meios propagandísticos. Os anos seguintes veriam nascer uma série de iniciativas pautadas pelo incremento editorial de monografias versando, sobretudo, os aspectos geográfico e económico<sup>8</sup>.

Diversas exposições, em Portugal e no estrangeiro, procuraram imprimir uma marca ainda mais assertiva no cidadão comum, despertando ou reavivando uma praxis com cinco séculos de história<sup>9</sup>. Daí que – e *O Mundo Português* não foi alheio a tal coordenada – se tenha promovido uma espécie de pequena obra, que dificilmente se poderia considerar historiográfica, com o elemento de exaltação nacional a preponderar. Tal ficou patenteado, por exemplo, nas numerosas biografias do “herói” Mouzinho de Albuquerque<sup>10</sup>, nas evocações de outras importantes figuras das “campanhas de pacificação”<sup>11</sup> ou mesmo nos escritos memorialistas de “velhos colonos”. Companheiros de armas de Mouzinho e de outros militares igualmente famosos, alguns desses colonos relatavam, também na primeira pessoa, a sua experiência de vida no ultramar, os seus sacrifícios e provações, a sua devoção à terra e, acima de tudo, o inabalável portuguesismo. Sobre os ainda mais mitificados vultos dos Descobrimentos e da Diáspora, a propaganda, como seria de esperar, afinou pelo mesmo diapasão.

Editado pelo SPN e pela Agência-Geral das Colónias (AGU) – organismo este criado em 1925 a fim de contrariar o facto de “a grande maioria dos portugueses desconhece[r] em absoluto as nossas colónias<sup>12</sup>” –, a revista *O Mundo Português* teve uma periodicidade (bi-)mensal, organizando concursos de cruzeiros de férias às colónias para os alunos metropolitanos e viagens a Portugal para os estudantes oriundos do

---

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 1.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, p. 1.

<sup>8</sup> Ver José Luís Lima García, “A Ideia de Império na Propaganda do Estado Novo”, in: *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 1992, vol. 14, pp. 411-423.

<sup>9</sup> Ver: Margarida Acciaiuoli, *Exposições do Estado Novo (1934-1940)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998; e Maria Isabel Simão, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

<sup>10</sup> Ver: Eduardo de Noronha, *Mouzinho de Albuquerque. O herói de Chaimite*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1934; Pedro de Mascarenhas Gaivão, *Mouzinho de Albuquerque*. Discurso proferido na Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, Agência-Geral das Colónias, 1936; Luís Augusto Ferreira Martins, *Mouzinho*, Lisboa, Editorial Cosmos, 1938; Amadeu Cunha, *Mouzinho. A sua obra e a sua época*, Lisboa, Agência-Geral das Colónias, 1944. Cf. Anexo II.

<sup>11</sup> Cf. Anexo II.

<sup>12</sup> Armando Zuzarte Cortesão, “O Boletim da Agência-Geral das Colónias”, in: *Boletim da Agência-Geral das Colónias*, 1925, n.º 1, pp. 3-9.

ultramar. Neste âmbito, as suas actividades aproximaram-se daquelas desenvolvidas por dois periódicos congêneres: o *Boletim da Agência-Geral das Colónias* (Concursos de Literatura) e o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Semanas das Colónias).

Porém, *O Mundo Português*, significativamente subtítulo de “cultura e propaganda / arte e literaturas coloniais”, foi mais longe, consagrando a quase totalidade das suas páginas à (re)invenção de um exotismo literário que caracteriza toda uma época. Ao invés do *Boletim da Agência-Geral das Colónias*, mais apostado em aliciar o potencial colono com pautas comerciais, promissoras descrições económicas e convites explícitos ao estabelecimento em terras de África, *O Mundo Português* fez da sedução estética uma arma ao serviço da propaganda. Os seus intentos pedagógicos encontraram realmente tradução na panóplia de artigos doutrinários, contos e poemas “exemplares”, fotografias de “indígenas” e paisagens “virgens”, pequenos ensaios etnográficos e “retratos” idealizados de cada uma das colónias<sup>13</sup>.

O estudo que aqui se segue, consciente da impossibilidade de captar em tão poucas páginas a riqueza temática da publicação, somente procurará identificar alguns dos seus temas condutores. Nomeadamente, irá deter-se no apelo à juventude, enquanto tentativa de criação e recrutamento de um escol de futuros agentes da causa ultramarina; na lenta emergência de uma linha de pensamento marginal à “mística” destes anos, vendo na mestiçagem a chave do sucesso colonizador português; e, finalmente, na produção de uma (est)ética apropriada à afirmação imperial do Estado Novo.

## 1. Sob o império da “Mística Imperial”

### 1.1. O Terceiro Império Colonial do mundo

Chegado, em 1933, à Presidência do Conselho de Ministros, Salazar já há muito compreendera a importância que os novos (e velhos) meios de propaganda detinham na condução dos destinos políticos de um Estado. Um dos primeiros e mais eloquentes exemplos disso mesmo foi dado nas entrevistas que concedeu ao jornalista António Ferro, em 1932<sup>14</sup>. Nestas, Oliveira Salazar, para além de ter descoberto um futuro colaborador na figura do seu interlocutor, expôs demoradamente o seu pensamento político, social e económico. No que concerne à “questão colonial”, foi mais parco em comentários, defendendo um “ressurgimento”, uma vez que “as nossas Colónias deveriam ser as grandes escolas do nacionalismo português”. Por estas passariam então os quadros do exército e “todos aqueles em que é preciso manter aceso o culto da Pátria e o orgulho da Raça”<sup>15</sup>.

Ora, como se disse, esta função “pedagógica” e “formativa” foi precisamente uma das linhas de fundo de *O Mundo Português*, o qual se esforçou por disseminar e popularizar uma ideologia ultramarina simultaneamente tradicional e renovada. Bastaria apenas submeter o seu primeiro ano de publicação a uma radiografia atenta – ano da famosa

---

<sup>13</sup> Cf. Anexo III.

<sup>14</sup> António Ferro, *Salazar. O homem e a sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, pp. 127-128.

Exposição Colonial do Porto de 1934 –, para descortinar a totalidade dos vectores que compuseram, nos anos 30 e 40, o edifício ideológico colonial estadonovista<sup>16</sup>.

Como não poderia deixar de suceder, a primeira ideia prende-se com a educação/doutrinação. Contestando os pressupostos liberais e democráticos do regime seu antecessor, o qual designou como corruptor da essência nacional, o Estado Novo assumiu que a Primeira República tivera também quanto às colónias uma postura de desinteresse, mormente na administração ruinosa. Daí o vocabulário estigmatizante normalmente empregue – “triste cenário da vida portuguesa”<sup>17</sup> –, assim como o constante apelo à necessidade da “defesa de uma educação imperial”. Desta forma, era imperioso que “o conceito de império se enraíz[ass]e intimamente no espírito dos novos”, urgindo que “nos ocupemos da educação colonial das elites da nossa juventude”<sup>18</sup>.

Um texto de Marcelo Caetano é particularmente eloquente neste capítulo. Intitulado “Carta a um jovem português sobre o serviço do Império”<sup>19</sup>, nele, o futuro Presidente do Conselho instigava um recém-diplomado a seguir o caminho das colónias, “colaborando na obra majestosa da cimentação da unidade de tantos povos”<sup>20</sup>. E esta unidade, longe de depender das armas, teria de fundar-se na “submissão e no amor”, criando-se novas pátrias “sob o signo da nossa raça e na toada da nossa linguagem”<sup>21</sup>.

Para além desta crença numa inadiável missão histórica a cumprir e da necessidade de “civilizar” as “tribus indígenas”, de igual modo a revista aceitou a crença de que o povo português, como resultado de cinco séculos de contactos, teria adquirido uma singular facilidade em estabelecer relações com os povos colonizados. Esta “experiência” e o trato fácil com o Outro poderiam ser inferidos a partir das “estórias” exemplares amiúde publicadas.

Ainda em 1934, Hugo Rocha, poeta e colonialista, se referia ao facto de, “no império Português”, se ensinar a “falar a língua de Portugal”<sup>22</sup>. Apresentava como contra-prova um caso ocorrido no Congo Belga, em que um membro de uma delegação portuguesa não conseguira fazer entender-se, em francês, com o *chauffeur* “indígena” da residência do Governador que o transportava. Hugo Rocha aproveitava, então, o ensejo para denunciar que, na “democrática” Bélgica, “unidade linguística é coisa que não existe”<sup>23</sup>, quando, para os seus compatriotas, a palavra de ordem seria elevar “até si os que consideram, também, cidadãos portugueses”. Dominaria o colono luso “uma

---

<sup>16</sup> Por exemplo, Vieira Machado, Ministro das Colónias que sucedeu a Armino Monteiro, asseverava, quando do segundo aniversário da revista, o quanto ela fizera pelo “engrandecimento e valorização do nosso património colonial”, tanto mais que vinha sendo gratuitamente distribuída nas escolas de aquém e de além-mar. Vieira de Machado, “Ano Terceiro – 1936”, in: *O Mundo Português*, 1936, vol. III, p. 2.

<sup>17</sup> Fernando Alves de Azevedo, “Em defesa de uma educação imperial”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, p. 117.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 118.

<sup>19</sup> Marcelo Caetano, “Carta a um jovem português sobre o serviço do Império”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, pp. 259-265.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 261.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 264.

<sup>22</sup> Hugo Rocha, “No império Português ensina-se a falar a língua de Portugal (um episódio de viagem e os comentários que ele sugere)”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, p. 181.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 185.

ausência de preconceitos que, para o colono belga e o colono britânico, sobretudo, não existe”<sup>24</sup>.

Nos anos seguintes, conforme atesta o Anexo II, muito embora este tipo de artigo apologético tenha diminuído, não esmoreceu, porém, “a missão de cultura e propaganda”. Por outro lado, é preciso não perder de vista o facto de a maior parte dos artigos, qualquer que fosse a temática abordada, enaltecer sempre o pioneirismo expansionista português, a sua “vocalização colonial” e o “ressurgimento” estadonovista, razão por que a ideologia oficial nunca chegava verdadeiramente a estar ausente. Ou seja, com o correr do tempo e também de acordo com a idiosincrasia dos regimes autoritários da Europa de então, privilegiou-se mais a estética do que a ética. Na verdade, importava veicular a imagem, mas sobretudo vesti-la nos trajes mais agradáveis.

## 1.2. Para uma apologia da mestiçagem

Há uns anos a esta parte, a historiadora Cláudia Castelo investigou a recepção, o entendimento e subseqüentes releituras que a teoria luso-tropical, do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, no período compreendido entre as décadas de 30 e 60 do século passado, teve em Portugal<sup>25</sup>. A doutrina de Freyre pregava uma concepção universalista e benévola da colonização portuguesa, postulando que o racismo raramente teria entrado em linha de conta nas preocupações nacionais. Neste sentido, afastar-se-ia de idênticos processos holandeses e ingleses, os quais teriam assumido uma dimensão de sobrançeria cultural eurocêntrica e uma recusa em se relacionar social e sexualmente com o Outro<sup>26</sup>.

A proximidade geográfica do continente africano, o povoamento multi-étnico do território nacional (dos iberos aos berberes) e as pretensões universalistas do catolicismo explicariam esta tolerância (e mesmo atracção) portuguesa por culturas e valores extra-europeus, assim como o fácil estabelecimento nos trópicos<sup>27</sup>. Esclareceriam, também, o elevado grau de miscigenação ocorrido no Brasil e em Cabo Verde (mas não a sua quase inexistência em Angola e Moçambique), confirmando a singular apetência do luso em se tornar no Outro. Por acaso, não se recuperava o velho aforismo afirmando que “Deus criou o Homem e o Português criou o mulato?”

Objecto de alguma controvérsia, mas mais frequentemente de indiferença, quando das suas primeiras leituras em Portugal<sup>28</sup>, nos anos 30 e 40, o corpo teórico freyriano seria oficialmente apadrinhado pelo Estado Novo, nos inícios da década seguinte. Tentava-se, assim, prevenir a eventual “tentação” independentista das “províncias ultramarinas” e contrariar o crescente anticolonialismo internacional, exibindo-se a imagem de uma prática colonial “diferente” das demais.

---

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 184.

<sup>25</sup> Cf. Cláudia Castelo, “*O Modo Português de estar no Mundo*” – o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961), Porto, Afrontamento, 1998.

<sup>26</sup> Ver Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, pp. 18-29.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>28</sup> Cf. Cláudia Castelo, “*O Modo Português de estar no Mundo*” – o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961), pp. 69-87.

Mas, nos anos 30 e 40, o darwinismo social reinante dificilmente admitiria a apologia da mestiçagem. Os meios universitários ligados às escolas antropológicas de Coimbra e do Porto, nas figuras dos seus mais destacados representantes, António Mendes Correia e Eusébio Tamagnini<sup>29</sup>, falavam em “confuso *melting pot*”<sup>30</sup> de resultados “desastrosos”. É certo que o pensamento de Mendes Correia iria evoluir nas décadas seguintes. No entanto, por agora, somente os habitantes de Cabo Verde recebiam da sua parte uma opinião favorável<sup>31</sup>. De resto, foi também esse arquipélago que encarnou, nas páginas d’ *O Mundo Português*, uma alternativa à dominante ideologia construída em torno da “mística imperial”, na medida em que a sua população (por ser) mestiça era considerada mais “evoluída” e “civilizada” do que qualquer outra em terras de África.

José Osório de Oliveira, escritor luso-brasileiro, amigo e discípulo de Gilberto Freyre, foi, talvez, o maior responsável pela difusão dessa imagem. Tendo residido no arquipélago em meados dos anos 20, cedo defendeu a concessão da adjacência a Cabo Verde e o reconhecimento da originalidade da literatura aí produzida, causas pelas quais iria ser paladino ao longo de toda a sua vida. Na revista aqui analisada, Osório de Oliveira foi uma voz profética. Logo em 1934 fazia publicar “A mestiçagem – esboço duma opinião favorável”<sup>32</sup>, artigo no qual sustentava que “todas as raças têm origem mestiça”. Apresentando a colonização brasileira como um ideal de “comunhão das raças”, fruto do “instinto sexual, mais inteligente” do homem português, o escritor garantia que a antiga colónia lusa constituía um raro exemplo ou mesmo um “milagre”<sup>33</sup>.

Dois anos volvidos, Osório traçava do povo cabo-verdiano o mais romântico dos retratos, imputando a sua “doçura” à ocorrência de um processo de mestiçagem em larga escala<sup>34</sup>. A este último acontecimento voltava, aliás, a chamar “milagre”, como que sugerindo que, para além do Brasil, mais espaços de colonização portuguesa se tinham tornado multirraciais e multiculturais.

De forma alguma as páginas da revista prolongaram esta visão. Enquanto a poesia dos naturais de Cabo Verde aí surgida parecia querer inspirar, na imaginação metropolitana, uma imagem um tanto ou quanto exótica das vivências do arquipélago, já os textos produzidos pelas instâncias oficiais sublinhavam o “carácter bem português”<sup>35</sup> do homem insular, abstando-se, porém, de tecer considerandos acerca da miscigenação. Por seu lado, também João de Deus Tavares de Homem, Presidente da Câmara da Praia, servindo-se do tom paternalista da época, traçava um perfil estereotipado do

---

<sup>29</sup> Cf. Eusébio Tamagnini, *Os Problemas da Mestiçagem*. Comunicação ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Porto, Edição da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934, p. 17

<sup>30</sup> António Mendes Correia, *Os mestiços nas colónias Portuguesas*. Comunicação ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Porto, Edição da 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934, p. 7.

<sup>31</sup> Cf. *idem*, *Raças do Império*, Porto, Portucalense Editora, 1943, p. 318.

<sup>32</sup> José Osório de Oliveira, “A mestiçagem – esboço duma opinião favorável”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, pp. 367-369.

<sup>33</sup> Cf. *idem*, *ibidem*, p. 368.

<sup>34</sup> Cf. *idem*, “Prova de ‘Cretcheu’”, in: *O Mundo Português*, 1936, vol. III, p. 47.

<sup>35</sup> Amadeu Gomes Figueiredo, “Discurso do Governador de Cabo Verde”, in: *O Mundo Português*, 1936, vol. III, p. 81.

cabo-verdiano – “inteligente, dócil e sofredor [...] e admiráveis qualidades de trabalho, quando bem dirigido”<sup>36</sup>.

Em 1939, Osório publicava dois novos artigos na mesma veia: “A suposta inferioridade do mestiço”<sup>37</sup> e “A elegia dum povo”<sup>38</sup>. Enquanto no primeiro citava o (então) pouco citado Gilberto Freyre e enunciava vultos portugueses de origem mulata, no segundo escrito regressava à temática cabo-verdiana, vendo no arquipélago um “pequeníssimo Brasil” com uma “psicologia própria” e uma pujante literatura em fase de gestação<sup>39</sup>. Em 1942, com “A morna, expressão da alma de um povo”<sup>40</sup>, o escritor luso-brasileiro dava uma vez mais provas do seu intento em promover Cabo Verde, a fim de que autoridades e cidadãos reconhecessem a especificidade da cultura local, assim como envidassem esforços no sentido de resolver os problemas do arquipélago relacionados com a escassez de chuvas.

Contudo, excepção feita aos ensaios deste autor, quase todos os artigos incidindo sobre a mestiçagem – aqui entendida enquanto processo étnico-cultural –, espelharam uma atitude ambígua: não a censuravam abertamente, mas também hesitavam em reconhecer-lhe qualquer préstimo. O nacionalismo imperial impunha um só caminho ideológico. O ponto de chegada dos esforços colonizadores teria que ser a afirmação da cultura lusa e nunca a apologia de valores resultantes do contacto entre civilizações diversas.

## 2. Sob o espírito da “política do espírito”

### 2.1. Os cruzeiros d’ *O Mundo Português* ou a história de uma iniciativa a três tempos

Os cruzeiros de férias às colónias contaram-se entre as primeiras grandes acções lançadas pela revista. A finalidade passava por levar a “mocidade portuguesa” a conhecer e “apreciar devidamente Portugal em todos os seus recantos mais distantes”<sup>41</sup>. Era nos seguintes termos que Augusto Cunha, director da revista, falava na necessidade de uma iniciativa deste género:

Mas não basta descrever Portugal aos portugueses, recordar a sua história, dizer a sua extensão, afirmar as suas possibilidades e o seu valor; é preciso mostrar a todos [...]. É preciso que a mocidade fique conhecendo palmo a palmo, em todos os seus aspectos, em todos os seus valores, em todos os seus mais diversos e maravilhosos efeitos

---

<sup>36</sup> João de Deus Tavares de Homem, “Discurso do Presidente da Câmara Municipal do Concelho da Praia”, in: *O Mundo Português*, 1936, vol. III, p. 86.

<sup>37</sup> José Osório de Oliveira, “A suposta inferioridade do mestiço”, in: *O Mundo Português*, 1939, vol. VI, pp. 57-60.

<sup>38</sup> José Osório de Oliveira, “A elegia dum povo”, in: *O Mundo Português*, 1939, vol. VI, pp. 375-376.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p. 375.

<sup>40</sup> *Idem*, “A morna, expressão da alma de um povo”, in: *O Mundo Português*, 1942, vol. IX, pp. 323-327.

<sup>41</sup> Augusto Cunha, “Uma patriótica iniciativa de ‘O Mundo Português’. Os cruzeiros de férias às colónias”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, p. 307.



cenográficos, de grandiosidade e beleza, que o tornarão mais querido e mais amado e portanto melhor defendido como bem precioso que se não deve perder<sup>42</sup>.

De facto, não chegava apenas fazer a apologia do império através de jornais, imagens e mostras culturais. Imperioso se tornava fazer dele uma verdadeira exposição viva, na qual os jovens estudantes, acompanhados por professores, artistas e escritores, tivessem a oportunidade de senti-lo seu. “Um espírito juvenil [...] é a melhor matéria prima para trabalhar o futuro” seria, talvez, a frase mais apropriada para entender os verdadeiros objectivos da iniciativa: doutrinar potenciais futuros colonos e quadros ultramarinos; atrair e mobilizar, com a publicitação da viagem, outros jovens; enfim, dinamizar e criar entusiasmo nas escolas, tanto mais que, todos os anos, seriam abertos concursos premiando com uma viagem os “que mais se distingam em certas disciplinas e aqueles que melhores trabalhos apresentem sobre assuntos coloniais”<sup>43</sup>.

Após numerosos artigos saudarem a iniciativa, o primeiro e único cruzeiro alguma vez realizado tocou, no ano seguinte, no Verão, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Angola. Como quer que seja, a revista publicou todos os discursos que as autoridades coloniais produziram quando do encontro com os visitantes, assim como pequenos textos escritos pelos estudantes, sob a forma de diário de viagem ou ensaio apologético, com o subtítulo de “o que eu vi nas colónias”. Na prática, a ideologia pretendia efeitos reprodutores: os alvos de ontem tornavam-se os difusores de hoje. Por outro lado, a ideologia auto-propagandeava-se: uma curta notícia de *O Mundo Português* dava, à distância de um ano, conta dos (muitos) artigos publicados pela imprensa tendo por base a realização do dito cruzeiro<sup>44</sup>.

Nove anos decorridos, Augusto Cunha ainda elogiava o empreendimento, lamentando que, “devido a circunstâncias supervenientes”, se não tivesse repetido. Na altura, informava ainda o director do periódico, mais de 200 pessoas tinham composto a comitiva, facto que, sem dúvida, em muito terá onerado os custos da viagem<sup>45</sup>. Portanto, para rentabilizar o investimento, os “cruzeiros do futuro” deveriam premiar, uma vez terminado o curso, “os mais competentes e merecedores” alunos, para que servisse “como complemento final da sua preparação”<sup>46</sup>.

Simultaneamente, *O Mundo Português* promoveu a iniciativa contrária: trazer à metrópole os estudantes das colónias, premiando “os alunos mais distintos dos liceus de Angola e Moçambique”, portanto, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. O programa da visita foi atempadamente anunciado, incluindo todo o país, num total de 28 dias. Uma nota final desvendava o objectivo maior do evento: “apreciar as grandes realizações levadas a efeito pelo Estado Novo”, onde havia que incluir, entre outras, a “magnífica rede estradas” e a “cuidada e competente restauração dos monumentos do passado”<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, p. 307.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p. 308.

<sup>44</sup> Cf. Nuno de Torres, “Cruzeiros de Férias”, in: *O Mundo Português*, 1936, vol. III, pp. 227-230.

<sup>45</sup> Cf. Augusto Cunha, “Os cruzeiros do futuro”, in: *O Mundo Português*, 1944, vol. XI, pp. 263-268.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, pp. 267-268.

<sup>47</sup> “Cruzeiros de estudantes das colónias à metrópole”, in: *O Mundo Português*, 1937, vol. IV, p. 88.

Uma vez desembarcados, em Maio de 1937, logo a revista se desdobrou em actividades, convidando alguns escritores a colaborarem. Mário Beirão, antigo poeta d' *A Águia*, dedicava um soneto aos recém-chegados e a Francisco Machado, Ministro das Colónias. Já a escritora Amália de Proença Norte dava as boas vindas, lembrando que o prémio criava “pesadas responsabilidades aos estudantes”, na medida em que teriam que “propagandear e robustecerem, entre as populações europeias e nativas dos nossos vastos domínios”, o “santo amor pela Pátria-Mãe”<sup>48</sup>. Por seu lado, discursos de carácter oficial encheram muitas páginas dos números d' *O Mundo Português* saídos nos meses subsequentes à visita.

No ano seguinte, 1938, seria mesmo organizado um concurso literário e fotográfico para os jovens participantes no cruzeiro, com prémios monetários e a sua publicação nas páginas d' *O Mundo Português*<sup>49</sup>. David Ferreira, vencedor do 1.º e do 2.º lugar na modalidade da fotografia, com imagens do Buçaco e do Claustro da Batalha, respectivamente, não teve a mesma sorte na vertente literária, conquanto o seu ensaio se intitulasse “Quem manda? Salazar, Salazar, Salazar! E sempre Salazar!”. É que a propaganda nem sempre privilegiava tão frontal e pouco subtil panegírico<sup>50</sup>. Desta maneira, os textos vencedores foram aqueles que lograram radiografar Portugal como um todo: a paisagem, os monumentos e as peripécias da viagem até à metrópole. Foram, pois, preteridos textos contemplando somente uma cidade ou um monumento. Importava fornecer impressões de conjunto.

O terceiro tempo deste género de iniciativas consistiu em trazer à metrópole alguns “velhos colonos”, num “cruzeiro de saudade”<sup>51</sup>. Enquanto a finalidade da viagem dos jovens assentou no ensejo de despertar “vocações coloniais”, já no que concerne aos velhos colonos, pretendeu-se desferir novo ataque ao anterior regime republicano. É que na “África de há duas décadas, quasi esquecida, quasi abandonada”<sup>52</sup>, estes “pioneiros” teriam personificado uma contra-corrente, opondo, na valorização dos espaços ultramarinos, o seu espírito de sacrifício ao pretenso desinteresse dos governos da República.

A homenagem que lhes foi prestada, por ocasião da grande exposição de 1940, simbolizou, também, uma passagem de testemunho. O Estado Novo, assumindo a missão de retomar a grandeza do passado, agradecia a esses “valiosos obreiros” terem suportado, sem qualquer apoio, o “grande edifício da colonização portuguesa”.

## 2.2. Literatura, etnografia e artes plásticas ou a “fascinação do diferente”

Concomitantemente, *O Mundo Português* estimulou a criação ou divulgou uma iconografia visualmente atractiva. Esta última deve aqui ser entendida em sentido lato, englobando não apenas as artes plásticas, mas também a própria literatura e

---

<sup>48</sup> Amália de Proença Norte, “Aos estudantes do ‘cruzeiro’”, in: *O Mundo Português*, 1937, vol. IV, p. 151.

<sup>49</sup> Cf. “Concurso literário do 1.º Cruzeiro de Estudantes à Metrópole. Acta da reunião do júri”, in: *O Mundo Português*, 1938, vol. V, pp. 341-344.

<sup>50</sup> Cf. Heloísa Paulo, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN e o DIP*, Coimbra, Livraria Minerva, 1994, p. 133.

<sup>51</sup> Marinho da Silva, “Cruzeiro dos velhos colonos”, in: *O Mundo Português*, 1940, vol. VII, pp. 235-239.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, p. 237.

certa etnografia. As suas coordenadas obedeciam, obviamente, aos ditames da “mística imperial”.

Ensaçou recriar-se uma literatura duplamente paternalista. Por um lado, como não poderia deixar de suceder, a maior parte das narrativas destinavam-se aos jovens, pelo que evocavam feitos de “heróis” nacionais que pudessem servir de modelo. As “virtudes” exaltadas eram a abnegação, a humildade, a coragem, a determinação e o espírito de sacrifício. Tratavam-se, pois, de “qualidades” necessárias, no presente, ao potencial colono que desejasse singrar nos territórios ultramarinos.

Por outro lado, um segundo tipo de narrativas versava o “indígena” e as suas idiossincrasias. Cumulado de estereótipos<sup>53</sup> – indolência, brutalidade, infantilidade, deficiente conhecimento da língua do colonizador –, o “indígena” tendeu a ser encarado como uma criança grande. Esporadicamente, certos contos exploraram uma vertente menos depreciativa do colonizado, inserindo-o no seu ambiente natural, sem a presença do “branco”. Uma certa conclusão moralista fechava estes textos, sendo como que uma versão literária daqueles ensaios que recuperavam o mito do “bom selvagem”, alegando que a civilização corrompia as puras predisposições naturais do ser humano.

Em todo o caso, quer a etnografia quer a representação da arte dos “súbditos” do império foram fiéis ao princípio de “melhor conhecer para melhor dominar”<sup>54</sup>, divulgando numerosas fotografias de peças escultóricas e de outros produtos artísticos ou artesanais. A própria “fascinação do diferente” passava pela grandeza da paisagem, que, muitas vezes, daria guarida a populações culturalmente acanhadas e incapazes de expressar a sua força telúrica<sup>55</sup>.

No entanto, em todas estas aproximações d’ *O Mundo Português* prevaleceu um sentimento de exotismo, quer dizer, de uma distância cultural, verdadeira ou imaginada, que nem os cinco séculos de constantes contactos teriam logrado esbater. Continuava a persistir, na realidade, o desígnio da “missão”. E evangelizar o Outro poderia configurar novas formas. “Civilizar” seria uma delas.

## Conclusão

Parecem, pois, não restar dúvidas de que o periódico aqui passado em revista foi um veículo privilegiado ao serviço da ideologia autoritária do Estado Novo. A sua filosofia de veemente afirmação do passado, próximo e distante; a sua glorificação do presente, político e ideológico; e, finalmente, a sua crença no radioso destino do terceiro império colonial do mundo, abonam neste sentido. Na medida em que a juventude foi chamada a participar nas suas actividades e objecto de uma particular atenção; na forma como os velhos colonos foram homenageados e o escol colonial se envolveu na sua redacção; e, sobretudo, na imagem quase idílica que quis fazer

---

<sup>53</sup> Cf. Rosa Rosa Cabecinhas, e Luís Cunha, “Colonialismo, identidade nacional e representações do ‘Negro’” in: *Estudos do Século XX*, Coimbra, Quarteto, 2003, n.º 3, pp. 157-184.

<sup>54</sup> Ver Edward Said, *Orientalismo*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004.

<sup>55</sup> Cf. Carlos Parreira, “África, ou a fascinação do diferente”, in: *O Mundo Português*, 1934, vol. I, pp. 53-56.

passar da colonização portuguesa, *O Mundo Português* cumpriu todos os objectivos que Armindo Monteiro enumerou no artigo inicial da revista.

Ademais, a publicação fez do tom por vezes quase panfletário a sua bandeira maior, prestando-se a enquadrar a juventude num registo que não andou longe daquele difundido por outros regimes autoritários/totalitários da Europa de então. Na verdade, o Estado Novo, herdeiro de um extenso património colonial, nunca precisou de enveredar pelos processos de expansionismo que caracterizaram o âmago da doutrina e da praxis de boa parte dos países europeus governados pela extrema-direita. Assim, toda a sua acção propagandística teria que passar, não tanto pela conquista e pelo acerto de novas fronteiras, mas mais pela manutenção do espaço que ia “do Minho a Timor”.

Deste modo, *O Mundo Português* esforçou-se por publicitar os esforços desenvolvidos para “civilizar” os autóctones das colónias, ao mesmo que tempo que apresentava a arte e a etnografia “indígenas” a uma luz pouco diferente daquela que o etnocentrismo científico ocidental de há décadas a esta parte vinha irradiando. Entretanto, uma linha de pensamento periférica encarava a mestiçagem como a mais destacada característica da colonização portuguesa. Não deixava de ser um avatar da conhecida ideia do universalismo português. Ainda assim, tardaria a impor-se como ideologia dominante, o que somente veio a suceder no rescaldo da Segunda Guerra Mundial.

Com efeito, buscando distanciar-se de outros regimes, como a Alemanha nazi ou a Itália fascista, o Portugal de Salazar procedeu a uma necessária transfiguração, ou cosmética, substituindo e adaptando os seus organismos e a sua linguagem aos novos tempos. Era assim que, em 1944, o “aguerrido” Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) se tornava o aparentemente mais inócuo Secretariado Nacional de Informação (SNI). Era assim que as “colónias”, em 1951, regressavam à sua primitiva designação de “províncias ultramarinas”, reafirmando a unidade do país multi-continental com uma vocação a cumprir. E, de certa forma, era ainda assim que a ideologia colonial amenizava o discurso paternalista, reconhecendo focos de “civilização” em alguns espaços, como Cabo Verde. Sob o impacto do início da Guerra Colonial em Angola, em 1961, os habitantes deste território, da Guiné e de Moçambique tornavam-se mesmo as últimas populações a verem ser-lhes outorgada a plena cidadania portuguesa. Na prática, porém, a realidade de exploração manter-se-ia até ao ocaso do Estado Novo.

Neste contexto, *O Mundo Português* dificilmente sobreviveria. No biénio 1946/1947, iniciando-se a publicação de uma segunda série, a revista perdeu colaboradores importantes. Alguns passariam ao campo oposicionista, caso de Henrique Galvão. O regime enfrentava à altura a sua primeira grande crise, a qual teve como momento alto a candidatura à Presidência da República de uma conhecida figura do republicanismo, o colonialista Norton de Matos.

Doravante à defensiva – a candidatura de Humberto Delgado, em 1958, reforçaria tal sentimento – o Estado Novo passou a exhibir, aos mais diversos níveis, uma faceta mais repressiva e cada vez menos criativa. Também por isso *O Mundo Português* e a sua “mística imperial” eram desadequados. Importava abdicar do triunfalismo imperial e abraçar antes uma atitude de confraternização étnica, pelo menos do ponto de vista teórico. Porque, num mundo em rápida mudança e cada vez menos disposto em tolerar os colonialismos do passado, a resistência teria que passar pela propaganda de valores (ainda mais) conciliatórios. O humanitarismo, o missionarismo e o talento em lidar com o Outro davam agora lugar à comunhão étnico-cultural.

## Anexos – Relação de artigos publicados n' O Mundo Português

### Anexo I

Anos	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947
Artigos publicados	72	65	86	86	74	86	78	69	66	55	65	76	55	22

### Anexo II

Anos	Ideologia	Discursos	Campanhas Pacificação	Mouzinho de Albuquerque	Contos	Poesia	Arte	Etnografia	Total
1934	34	1	0	1	2	3	8	3	52
1935	4	8	3	2	7	3	10	4	41
1936	15	1	5	1	6	3	10	4	45
1937	6	5	6	0	3	4	5	1	33
1938	12	1	1	2	2	1	3	2	27
1939	5	2	2	1	5	4	3	3	25
1940	9	0	4	1	5	5	0	2	27
1941	6	0	2	3	5	2	0	2	22
1942	3	1	1	0	2	2	0	3	15
1943	8	2	2	0	1	5	0	1	19
1944	10	0	3	0	4	1	0	4	22
1945	11	2	4	1	2	3	0	7	32
1946	0	0	1	0	0	1	2	2	8
1947	0	1	1	0	0	1	0	3	8
Totais	123	24	35	12	44	38	41	41	376

### Anexo III

Anos	Guiné	Cabo Verde	São Tomé	Angola	Moçambique	Índia	Macau	Timor	Totais
1934	1	1	0	6	9	6	1	2	26
1935	2	2	0	7	6	6	3	1	27
1936	10	11	12	15	6	3	0	0	57
1937	0	1	0	3	7	6	0	2	19
1938	2	1	2	5	5	1	2	2	20
1939	2	7	1	3	9	3	1	0	26
1940	1	4	0	11	4	2	0	1	23
1941	2	3	1	7	4	1	3	1	22
1942	4	5	1	3	3	4	0	1	21
1943	2	2	0	6	3	3	0	0	16
1944	4	1	2	10	6	5	0	0	28
1945	2	2	2	7	8	4	0	0	25
1946	5	1	2	2	7	2	0	0	19
1947	3	1	3	4	1	0	0	1	13
Totais	40	42	26	89	78	46	10	11	342